REVISTA DA FUNDARTE
Ano 13 – Número 25 – Janeiro/Junho 2013

# Artista-professor: da vida à obra, pesquisa e produção

**Ursula Rosa da Silva**[1]
ursularsilva@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

**Resumo:** Este estudo trata de considerar o artista que se assume como pesquisador dentro de um contexto: o ensino da arte. Desde 2009, desenvolvemos um projeto de pesquisa no Centro de Artes da UFPel, que pretende retomar a história do Instituto de Letras e Artes (ILA), desde sua fusão em 1973 com a Escola de Belas Artes, passando por suas mudanças de estrutura e de denominação até 2010. A UFPel foi instituída pelo Decreto-Lei de 08/08/1969 e originou-se da fusão da antiga Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul com entidades isoladas de ensino superior, em atividade no Município, como a Faculdade de Agronomia "Eliseu Maciel" – a primeira fundada no Brasil – a Faculdade de Odontologia, a Faculdade de Direito, as faculdades de Ciências Domésticas e de Medicina Veterinária, o Instituto de Sociologia e Política e a Faculdade de Medicina de Pelotas. Além destas, o Conservatório de Música de Pelotas e a Escola de Belas Artes Cármen Trápaga Simões (E.B.A., criada em 1949) passam a ser unidades agregadas à UFPEL. A fonte de pesquisa é o acervo desta instituição, em sua documentação escrita, essencialmente. O enfoque é o ensino e a inserção do ILA, atual Centro de Artes (CA), na comunidade pelotense e da Região Sul. Dentro do foco ensino de artes, buscamos especialmente analisar a atuação dos professores enquanto artistas-professores, a respeito de metodologias de ensino, legitimação, representatividade junto à comunidade. Os professores-artistas apresentados aqui são Érico Cava, Luciana Leitão e Carmen Biasoli.

**Palavras-chave:** Ensino de Arte; pesquisa em arte; UFPel; memória.

## Artist-teacher: the life the work, research and production

**Abstract:** This study is to consider the artist who takes as a researcher in context: teaching art. Since 2009, we have developed a research project at the Center for Arts of UFPel, for to recall the history of the Institute of Arts and Letters (ILA), since its merger in 1973 with the School of Fine Arts, through its changing structure and naming by 2010. The UFPel was established by Decree-Law of 08.08.1969 and originated from the merger of the former Federal Rural University of Rio Grande do Sul with isolated entities of higher education, activity in the municipality, as the Faculty of Agronomy "Eliseu Maciel "- the first founded in Brazil - the Faculty of Dentistry, the School of Law, the faculties of Science Home and Veterinary Medicine, the Institute of Sociology and Political Science and the Faculty of Medicine of Pelotas. Besides these, the Conservatory of Music and Pelotas School of Fine Arts Carmen Trápaga Simões (EBA, established in 1949) are to be aggregated units UFPEL. The source of research is the collection of this institution, in its written documentation, essentially. The focus is teaching and insertion of ILA, current Arts Center (CA), Pelotas and the community of the South Region Within the focus of arts education, especially seek to analyze the performance of teachers as artists-teachers regarding methodologies teaching, legitimacy, representativeness in the community. Teachers-artists presented here are Erik Cava, Luciana Leitão and Carmen Biasoli.

**Keywords**: Art Education; art research; UFPel; memory.

[1] URSULA ROSA DA SILVA; Doutora em Educação (UFPel/2009); Doutora em História (PUC-RS/2002), Mestre em Filosofia (PUC-RS/1992), Licenciada em Filosofia (UCS/1989). Professora associada na UFPEL/RS, atua no Centro de Artes, nos Cursos de Graduação e Especialização em Artes Visuais; e no Mestrados de Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. É líder do NEAP (Núcleo de Estudos em Arte e Patrimônio) junto ao CNPq, e é diretora do Centro de Artes da UFPel.

**Introdução**

Antes de entrar na sala de aula, antes de começar a aula, o que envolve este tempo? Antes de a porta fechar, uma vida de preparo, de pesquisa, de apontamentos, de dúvidas, de receios. Esta experiência do preparo para ser professor é muito semelhante para todos, e não poderia ser diferente com artistas. E tanto quanto a obra produzida, o modo como desenvolvemos nossa aula, a metodologia, o caminho, o processo, o modo como somos docentes, envolve pesquisa. Por isso, esta pesquisa trata da pesquisa, de como ela se torna um modo que define cada professor. E pesquisar sobre metodologias de ensino no campo da arte é falar de procedimentos, de tempo, de cuidado, de pensamento.

É disso que trata o projeto Revisitando o Instituto de Letras e Artes, que neste ano completa quarenta anos da sua fusão com a Escola de Belas Artes Carmen Trápaga Simões, em 1973, após a fundação da UFPel, em 1969. Além do aspecto da retomada histórica desta entidade educacional, um dos focos é apontar para a importância da valorização do profissional do ensino e da metodologia de ensino dos professores-artistas.

A presente pesquisa iniciou no ano de 2009, por ocasião de uma Exposição em homenagem aos 60 anos da EBA (Escola de Belas Artes), que, em 1973, foi incorporada à UFPel por fusão com o Instituto de Artes. Dando origem ao Instituto de Letras e Artes, denominação que perdurou até 2005, quando esta Unidade acadêmica passou a chamar-se IAD (Instituto de Artes e Design), e, em 2010 passa ser o Centro de Artes. Naquele momento, um grupo de professores tinha organizado uma mostra e levantamento de dados para isto, percebeu-se que pouco da história do ILA/IAD estava registrado, de alguma forma.

Deste modo, um grupo de professores e alunos iniciou este levantamento na forma de pesquisa. O primeiro resultado foi a Exposição realizada em 2010, Revisitando o ILA (1969-1989), com participação de trabalhos, obras, documentos e publicações de professores, funcionários e alguns ex-alunos. Nessa mostra, um dos objetivos era homenagear os professores e funcionários dos cursos que fizeram parte do ILA, tanto os cursos de Artes (música, desenho e artes plásticas) quanto os

cursos de Letras e Arquitetura, que nasceram na estrutura do Instituto de Letras e Artes, mas que foram se organizando e se tornaram Unidades independentes no quadro estrutural da UFPel. O Curso de Arquitetura e Urbanismo se tornou a Faculdade de Arquitetura em 1984, e o Curso de Letras se tornou a Faculdade de Letras, em 2005.

Assim, de 13 de outubro a 11 de novembro de 2010, ocorreu a Exposição Revistando o ILA, tendo lugar no Museu Leopoldo Gotuzzo. E, em setembro de 2012, foi realizado o **Seminário Memórias do Ensino da Arte no ILA,** que contou com a presença de professores aposentados da área de Música e da área de Artes Visuais. A Mostra da próxima etapa de 1990 a 2010 vai ocorrer em junho de 2013, no mesmo local, trazendo os outros vintes anos de atuação e ensino do Centro de Artes junto à comunidade de Pelotas e Região. Este ensino de arte é um dos focos do projeto, ou seja, não apenas o registro de fatos, pessoas, eventos, projetos de extensão, pesquisa, mas, especificamente como o ensino de arte na UFPel foi sendo constituído desde os anos 1973 até o momento presente.

Nesse sentido, neste **VII Encontro de Pesquisa em Arte**, trazemos como tema o ensino de arte visto a partir da atuação de professores-artistas, que trabalharam no ILA/UFPel e já se encontram aposentados: Érico Cava, Luciana Leitão, além da professora Carmen Biasoli, *in memoriam*.

**A pesquisa e outras instâncias**

No Brasil, as academias nascem com as Escolas de Arte, que, desde a vinda da Missão Francesa e a instauração da Academia Imperial de Belas Artes (1820), vão aos poucos se estabelecendo e gerando o campo artístico em cada Estado. Em Pelotas/RS, a Escola de Belas Artes surgiu em 1949, seguindo os moldes do academicismo do Instituto Livre de Belas Artes de Porto Alegre: um ensino fundamentado no desenho, na cópia dos mestres, para depois seguir-se à pintura com temáticas nos gêneros: retrato, paisagem, natureza-morta.

Nos anos 1970, após a criação da Universidade Federal de Pelotas – instituída em 08/08/1969 por Decreto Lei do Presidente Arthur da Costa e Silva –, houve um movimento para inclusão da Escola de Belas Artes ao quadro efetivo das

Unidades acadêmicas desta instituição. Em meados de 1973, houve a fusão desta Escola com Instituto de Artes da UFPel. A história do Centro de Artes da UFPEl passou por várias transformações e denominações – Escola de Belas Artes Carmen Trápaga Simões (1949), Instituto de Artes (1971), Instituto de Letras e Artes (1973), e Instituto de Artes e Design, de 2005 a 2010 – e pouco do cotidiano desta memória está registrada em textos com o enfoque da historiografia.

O acervo referente às ações do Instituto de Letras e Artes, como a trajetória de seu ensino, passou por vários prédios – na cidade e no Campus Capão do Leão. Compartilhou com cursos que iniciaram junto com o ILA e, depois, crescendo formaram outras unidades – tais como os cursos de Arquitetura e Urbanismo (passou a Faculdade em 1985); depois o curso de Letras (Faculdade em 2005) –, configurando, assim, um desregramento no arquivamento e organização de seus documentos. Este acervo encontra-se, em grande parte, numa sala/depósito do Centro de Artes, em arquivos-morto, muitos sem identificação na parte externa do conteúdo que guarda.

Esse estudo pretende iniciar uma sistematização deste acervo no sentido de classificar e ordenar por temas e por tipologia de acervo, bem como, ao sistematizá-lo realizar uma historiografia dos cursos do ILA, junto ao cruzamento de dados com outras fontes, tais como entrevistas (com ex-alunos, ex-funcionários e ex-professores) e levantamento de dados em jornais.

No ano de 2010 foi realizada uma Mostra comemorativa ao ILA, denominada Revisitando o ILA (1969-1989). Participaram obras de ex-professores e ex-funcionários, além de painel histórico referente a este período e dando destaque aos professores e funcionários, de todos os cursos (Música, Letras, Artes Plásticas e Arquitetura), que passaram pelos Cursos do ILA neste recorte de tempo da Mostra.




**Figura 1**: Identidade visual da Exposição de 2010




**Figura 2**: Exposição de 2010 no Museu Leopoldo Gotuzzo
Fonte: acervo autora

## A formação do Instituto de Artes

Os Cursos de Artes da UFPEL/RS tiveram sua origem na Escola de Belas Artes (EBA), que obteve autorização do Governo Federal para funcionamento dos Cursos de Graduação em Pintura, Escultura e Gravura em dezembro de 1955 (Decreto n° 37690). Tais cursos foram reconhecidos pelo decreto nº 48903, de agosto de 1960. Em 1967, com o recebimento de um prédio próprio, a Escola passou a chamar-se Escola de Belas Artes Dona Carmen Trápaga Simões (EBA) e, com a criação da Universidade Federal de Pelotas em 1969, tornou-se unidade agregada. O estatuto da UFPel, de 1969, criou cinco Institutos básicos: Instituto de Artes; Instituto de Biologia; Instituto de Ciências Humanas; Instituto de Física e

Matemática e Instituto de Química e Geociências.

O conjunto de atividades desenvolvidas pela Escola de Belas Artes (EBA) compreendia o ensino da pintura, modelagem e desenho geométrico através de um Curso Preparatório para Belas Artes, conforme projeto de sua idealizadora Dona Marina de Moraes Pires. Nessa época, os professores atuantes eram aqueles formados pela própria escola, ou pelo curso de Desenho da Universidade Católica de Pelotas, ou ainda, por profissionais de outras áreas com comprovada experiência em Artes. A nomeação desses professores foi decidida pelo Conselho Nacional de Educação, através do Parecer n°. 841, de 5 de novembro de 1969.

Assim, em 1970, o Reitor da Universidade recém-instituída, Prof. Delfim Mendes Silveira, entre outras resoluções, resolveu implantar o Instituto de Artes, ("progressivamente e de acordo com as disponibilidades orçamentárias", portaria de fevereiro de 1970) que, inicialmente, seria responsável apenas pelo ensino das disciplinas básicas. As disciplinas profissionalizantes de artes ainda ficariam ao encargo da Escola de Belas Artes, unidade agregada. Em de novembro deste ano, é nomeada uma Comissão para estudo dos currículos do Instituto de Artes, com os professores Paulo Osório; Francisco Lopes Gastal; Antonina Zulema d'Ávila Paixão, Enilda Maurell Feistauer e Paulo de Castro e Silva.

Com seu primeiro ingresso por vestibular, o Instituto de Artes da UFPel (IA) passou a funcionar em 12 de abril de 1971, contando com onze docentes nos cursos de Licenciatura em Artes Plásticas e Licenciatura em Música. O primeiro Diretor foi Paulo Assumpção Osório (1971-1977). O Instituto de Artes ocupou com a área de Artes Plásticas uma única sala na Escola de Agronomia, no Campus Universitário Capão do Leão, enquanto a área de Música ficou nas dependências do Conservatório Municipal. Foi realizado convênio entre SEC e UFPEL para que professores do Estado pudessem lecionar na UFPEL como cedidos.

Logo em seguida, no ano de 1972, foi criado, no Instituto de Artes, o Curso de Arquitetura e Urbanismo (CAU). Os Cursos de Artes Plásticas e de Arquitetura eram organizados por um mesmo departamento, não havendo ainda o Conselho Departamental da unidade.

Em ata de 08 de fevereiro de 1973, o Conselho Técnico-administrativo da

EBA – cujo presidente era Sr. Jaime Gonçalves Wetzel, vice-presidente Adail Bento Costa, Diretora da EBA, Dona Marina Moraes Pires, vice-diretora da EBA, Profa. Antonina Zulema d'Ávila Paixão – analisa o ofício encaminhado pelo Diretor do Instituto de Artes (IA) da UFPEL, Prof. Paulo Assumpção Osório, e dá andamento ao processo de transferência do patrimônio da unidade agregada (EBA). Com isso, aprova a incorporação da Escola à Universidade, com a condição de que os professores e os funcionários fossem transferidos para o quadro da UFPEL e que fosse resguardado o nome de "Dona Carmen Trápaga Simões" na nomenclatura do Instituto de Artes.

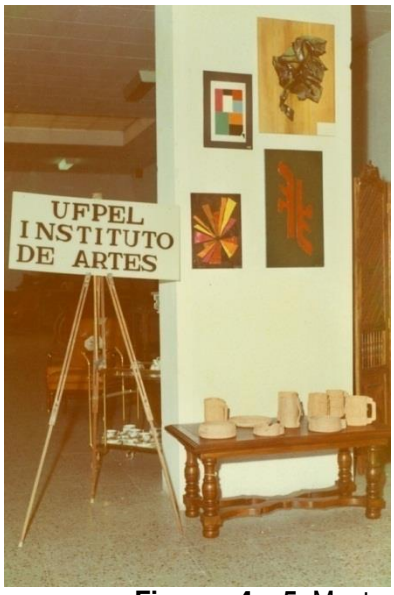
Em 14 de maio de 1973, ocorre a posse de Paulo Assumpção Osório como diretor do Instituto de Artes, e de Antonina Zulema D'Ávila Paixão, como vice-diretora.

A cerimônia da "passagem da Escola de Belas Artes para o Instituto de Artes da UFPEL" foi em 13 de julho de 1973, conforme os diários de Dona Marina de Moraes Pires. A assinatura da escritura pública doando o prédio e toda a estrutura administrativa e pedagógica da EBA para a UFPEL também foi neste mesmo dia.

O Instituto de Artes incorpora o patrimônio, os professores e funcionários da EBA e passa a denominar-se **Instituto de Letras e Artes Cármen Trápaga Simões (ILA)** realizando assim uma **fusão** entre a **Escola de Belas Artes (EBA) e o Instituto de Artes (IA)**.



**Figura 3**: Mostra de final de ano dos alunos formandos da Escola de Belas Artes (1970)
Fonte: Acervo Centro de Artes







**Figuras 4 e 5**: Mostras do Instituto de Artes (1971 e 1972)
Fonte: Acervo Centro de Artes

**O Ensino da Arte: pesquisa e produção**

O teórico Paul Ricoeur, baseando-se em textos de Platão e Aristóteles, em que se fala da metáfora da impressão na cera, distingue três espécies de rastros: "o rastro escrito, que se tornou no plano da operação historiográfica, rastro documental; o rastro psíquico, que é preferível chamar de impressão, no sentido de afecção; (...) e o rastro cerebral, cortical tratado pelas neurociências" (RICOEUR, 2007, p.425). A pesquisa sobre a história do Instituto de Letras e Artes, atual Centro de Artes, iniciou como uma necessidade de ver os protagonistas como pessoas para além do registro histórico, além do rastro escrito, quem foram estes personagens no cotidiano de um ensino das artes no Sul do Brasil. Deste modo, a memória do trabalho, das vivências e das realizações de professores, alunos e funcionários é um dos enfoques que pretendemos trazer à tona.

Nesse sentido, pensamos que as pesquisas e ensaios escritos por professores do Centro de Artes podem dar um panorama das características deste ensino no período de 1973 a 2010. É possível perceber também perceber que as mudanças nacionais em termos de reformas educacionais e curriculares têm uma relação direta com o modo como os cursos vão se desenhando ao longo da história.

A trajetória do artista-professor também merece ser vista pela história, não pela história da arte apenas, mas pela história de como fazer arte, ou seja, do processo a partir do qual surge a obra, da busca ou do modo como se busca para criar.

Para o professor e artista Érico Cava[2], a arte não segue regras, e uma das suas teses é que tudo se fundamenta na criatividade, tanto que em seu acervo bibliográfico, esse tema toma mais de 150 títulos. Uma de suas especialidades, segundo ele, é ensinar: "meu papel era desenvolver um pouco de coragem nas pessoas" (*apud* MARTINS, 2012, p.1.) Desse modo, o professor Cava sempre teve o cuidado de registrar seus projetos, como elaboração, como pesquisa e como provocação para o outro, para aquele que se dispusesse a mergulhar nas suas experimentações, nas suas oficinas de criação. E nos relatos de ex-alunos e ex-colegas aparece esse deslumbre com a forma como o artista Cava propunha as vivências, nas quais entrando na proposta o aluno criava sem colocar impedimentos de limitações ou medos: "o professor Cava não cobra o saber criar. Ele põe as pessoas em uma situação que, quando se dão conta, já estão criando, acima de qualquer insegurança ou sensação de incapacidade". (PELLEGRIN *apud* MARTINS, 2012, p.1).

Ele trata da criatividade e a relaciona com o pensamento elaborativo. Ele afirma que para desenvolver a criatividade é preciso considerar dois aspectos: o cognitivo e o comportamental. O aspecto cognitivo envolve sensibilidade (interna) para a vida, para o grupo, para a pessoa. O aspecto comportamental envolve uma atitude de estar aberto para o mundo, é se ver como criança, é encontrar sua criança interior. Os dois juntos têm como consequência a criatividade.

[2] **José Érico Alípio Cava** é Bacharel em Artes Plásticas/Pintura, ingressou em agosto de 1961 na Escola de Belas Artes Cármen Trápaga Simões, de Pelotas (EBA), como aluno, formou-se em 1963. Foi professor de Desenho no Colégio Pelotense e no logo Colégio Comercial Irmão Fernando. Na EBA ingressou para lecionar Pintura, Teoria da Cor e da Composição, Paisagem Urbana. Foi vice-diretor da EBA. No Instituto de Letras e Artes (ILA), a partir de 1978, lecionou da disciplina de Pintura; Expressão Gráfica; Expressão Plástica; Expressão em movimento I e II; Desenho Industrial (Design do objeto I e II); Arte Decorativa; Desenho Artístico | Programação Visual e Prática Profissional. Aposentou-se em 1991.

É preciso observar, como a criança, tudo o que está ao nosso redor. Significa ter um modo de olhar, de ver, de contemplar, sem querer explicar e sem ter medo de ousar.

A criatividade acontece ao estimular o pensamento elaborativo, por meio de informações. Por exemplo, por meio de encontros experimentais, como algumas Oficinas que ele propôs em escolas, em que possibilita momentos com bilhetes figurativos e semânticos; em que descreve sentimentos, e a partir daí brota o ser criativo. O homem criativo é o homem comum, não é preciso que se mexa nas suas características. É preciso haver uma proposta de trabalho, em que se apresente o risco, é preciso correr um risco intelectual, sair da zona de conforto, arriscar, estar aberto para arriscar. O desenho, o *design*, vem da profusão de idéias, de palavras, jogando varias palavras, qualidades advindas da vida. Da quantidade, a fluência de ideias (qualidades), mais a flexibilidade do pensamento elaborativo resultam na originalidade, na criação. A quantidade provoca a redefinição, a transformação. O pensamento avaliativo, de pesquisa, transforma, junto com a elaboração, que completa a obra. Mas demanda persistência.

Assim, este estado de abertura para o mundo une-se ao fator de liberdade da arte de não seguir regras, mais a mistura de pintura, colagem, e uma diversidade infinita de materiais (desde areia e miçangas a prendedores de roupa e bases de taças). Esse encontro e pesquisa resultam na obra de Érico Cava.

A Exposição de Cava, que aconteceu em agosto de 2012, no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, em Pelotas, foi uma apresentação de obras acompanhadas de textos que tratavam ou do processo de criação, ou de experiências que levaram à criação, ou de provocações ao espectador para refletir sobre possibilidades do pensamento criativo. Assim, deu-se sua contribuição com novos sentidos para a obra.



**Figura 6:** Série Xadrez – Ceia I (Glória)
Fonte: acervo MALG

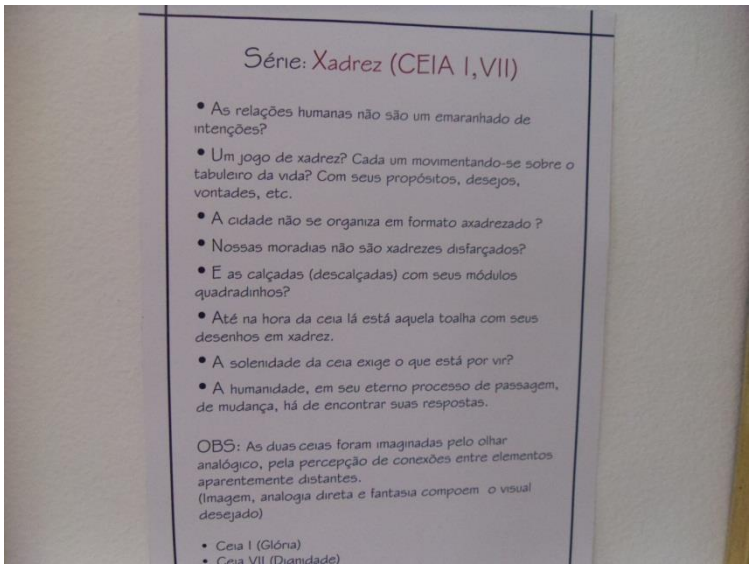



**Figura 7**: Texto que acompanha a obra Série Xadrez – Cena I
Fonte: acervo MALG

Na série Xadrez, Cava compara as relações humanas com o jogo de xadrez e lança várias perguntas, como que para fazer o espectador refletir sobre suas próprias relações e como este que percebe a obra, faria a seu modo a expressão destas relações, se seguisse esse roteiro de questionamento. E ele conta que compôs a cena fazendo uma comparação, analogia direta, entre 'elementos

aparentemente distantes' e que a obra é composta de 'imagem, analogia direta e fantasia'.



**Figura 8**: Série Campos Neutrais (sambaqui I)
Fonte: acervo MALG




**Figura 9**: Texto que acompanha as obras Série Campos Neutrais I e II
Fonte: acervo MALG

No texto, Cava descreve o processo de criação da obra, desde suas memórias e de seus momentos no arroio Chuí, próximo à praia do Hermenegildo. Os elementos que contribuíram para a criatividade aflorar: areia, água, sol, como ele diz "essas realidades, elementos 'familiares' foram transformados em elementos 'estranhos'. E ali, observando aqueles elementos que foram se tornando estranhamento do mundo, Cava teve um impulso para criar: "nascia, assim, uma

idéia". O professor Cava, então, escreve como o processo inebriante, impulsivo da criação acontece:

> No ateliê, bancando o dono de tudo, trabalhei a areia de muitas maneiras (produzindo quantidade, flexibilidade de ideias, fantasia e imaginação). Dominando a materialidade do meio, usando os mesmos elementos observados na praia (grão de areia, líquido, temperatura e movimento), acrescentei tinta em pequenas formas que o mar jogava aos meus pés. (CAVA, Texto que acompanha as obras Série Campos Neutrais I e II)

Nesta citação temos a apresentação da metodologia da criação que o professor Cava passou a defender, ou seja, produzir quantidade, flexibilidade de ideias é colocar no papel ou à disposição tudo que está a nossa volta e que nos vem como idéia, palavras, nomes do objetos, valores, adjetivos, tudo. E junto a essa profusão de palavras a fantasia e a imaginação para dar o tempero, a magia da criação. Essa é a sua fórmula, que serve não tanto como receita, mas como pretexto para inventar ou apenas para vira a vontade de fazer arte.

Além do aspecto de historiografar os momentos vividos no ILA, este estudo pretende retomar a produção dos professores no sentido de dar ênfase as suas concepções pedagógicas, sua visão do que significa o ensino de arte e quais as metodologias e procedimentos para efetivá-lo na formação, tanto de artistas quanto de professores de artes.

Assim, além de Érico Cava, trazemos também o ensino de arte visto a partir da atuação de outras professoras do Centro de Artes. Uma que se aposentou em meados de 2011, e lecionou, dentre outras, as disciplinas de Fundamentos da Linguagem Visual e Jogos e Brinquedos para os cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes, tendo tido a experiência de ser coordenadora do Curso de Licenciatura em Artes logo antes de se aposentar, a professora Luciana Engelsdorff Leitão. E outra que faleceu há três anos (julho de 2010); foi coordenadora do Curso de licenciatura em Artes, por quatro vezes, e lecionou disciplinas voltadas ao ensino de arte, bem como atuou junto aos Estágios nas escolas, a professora Carmen Lúcia Abadie Biasoli.

Além da homenagem em valorizar o trabalho e a reflexão dessas professoras a respeito de suas práticas e de suas concepções de ensino, a pesquisa aponta

para a necessidade de aprofundarmos o estudo sobre a formação de professores na arte e como o sentido do ensino deve ser consciente e vinculado a uma noção de educação dos licenciandos. Por outro lado, este ensino também é pertinente à formação de artistas, os quais, a partir de sua produção, serão, de certa forma, educadores estéticos para a comunidade.

Os textos a partir dos quais abordamos a concepção de ensino destas professoras foram por elas escritos. De Luciana Leitão (ingresso no ILA em 1986 aposentou-se em 2011) tomamos o texto "A Ludoteca no Centro de Artes" e de Carmen Biasoli (ingresso no ILA em 1989) trazemos sua tese de doutoramento na Faculdade de Educação da UFPel, defendida em setembro de 2009.

O texto de Luciana, no modo de uma fábula, apresenta uma crítica bem humorada ao aspecto formal do ensino, conduzido por regramentos metodológicos e de avaliação.

O texto nos faz entrar num mundo de alegrias voltadas à criação artística, ao aspecto lúdico desta criação e, de certa forma, ao aspecto rebelde ou transformador da arte frente às regras impostas pela convenção do campo artístico. Do mesmo modo, aponta para a possibilidade de estender o encantamento, próprio à prática artística, às demais disciplinas do currículo, ou seja, o ensino e a prática artísticos devem ser envolventes e nos tirar de um âmbito de realidade limitadora ou o quanto pode ser prazeroso este ambiente de estudo e fazer artístico.

> Durante muito tempo continuaram divagando pelo universo da imaginação. Às vezes, na calada da noite, ouviam-se risos despreocupados. E assim, foram criando diferentes grupos e diferentes caixas. Alguns, além de reconhecerem o prazer descomprometido de imaginar imagens, aproveitavam para imaginar um reino ideal. No Reino Ideal, os momentos de apreciação e prazer seriam permitidos a todos, e cada pessoa despenderia tanto tempo quanto considerasse necessário para melhorar sua qualidade de vida. (LEITÃO, 2011, p.60)

O texto nos revela o aspecto de ludicidade do ensino da arte, marca registrada de nossa professora Luciana Leitão, e a consciência de que a instituição de formação deve saber articular o âmbito pedagógico com o âmbito administrativo-estrutural (currículos; carga horária; etc), de modo a tornar este tempo de aprendizagem um momento de deslocamentos, criação, transformação de sentidos.

O texto de Carmen Biasoli, por sua vez, aponta para a reflexão a respeito das

trajetórias profissionais, em sua maioria, docentes formados pelo Centro de Artes, com um enfoque em sua auto-biografia.

> Há algum tempo – penso que pelos resultados de pesquisas realizadas anteriormente e pelas situações vividas na minha prática docente num curso de formação de professores de Artes Visuais – venho me perguntando: o que leva um professor a ser diferente de outro se praticamente a formação acadêmica foi a mesma? O que leva um professor a ensinar Artes Visuais igual ao outro se a formação acadêmica foi diferente? Quais os fatores que determinam as diferenças? Por que alguns professores resistem tanto às mudanças? (BIASOLI, 2009, p.21)

Desde suas primeiras pesquisas sobre o ensino de artes nas escolas de Pelotas, Biasoli esteve preocupada com a relação entre a teoria, aprendida no âmbito de formação dos professores, em sua maioria pelo Instituto de Letras e Artes (ILA), atual Centro de Artes. Uma das questões evidenciadas foi a concepção de expressão criadora, pelos professores, que tinha uma solução tradicional na prática da sala de aula.

> Cabe, aqui, esclarecer que a expressão criadora envolve a livre expressão e a solução de problema se vale do desenho livre ou do formalismo da técnica do desenho e ambas as visões têm relação direta com a história desse ensino, e porque não dizer tão em voga atualmente nas aulas de Arte. Isto pode ser comprovado na primeira investigação, realizada em 1991, com professores da rede pública cujo ensino privilegiava a expressão pessoal do aluno através do fazer artístico, destacando-se a atuação dos professores em mais de uma linguagem da Arte (artes plásticas, música e teatro), ou seja, uma atuação polivalente. Tanto na visão dos professores quanto na dos alunos prevaleceu a relação do ensino da Arte com atividades de expressão, lazer ou simples recreação. (BIASOLI, 2009, p.28)

A pesquisa de Biasoli pretendeu responder às questões: “quais as teorias educacionais que participam das escolhas pedagógicas e estéticas do professor de Arte? O que leva um professor a ser diferente de outro, se basicamente a formação profissional foi a mesma? O que leva um professor a ensinar artes visuais igual ao outro, se a formação acadêmica foi diferente? Quais os fatores que determinam as diferenças? Por que alguns professores resistem tanto às mudanças?” No caminho do desenvolvimento desta pergunta, e partindo da constatação de que a teoria nem sempre é coerente com a prática do professor, ela lança a hipótese de que o professor é caracterizado por suas vivências e sua trajetória docente é construída a partir de suas escolhas pessoais, pedagógicas e estéticas (Biasoli, 2009, p. 26). E sua metodologia para esta pesquisa foi a biográfico-narrativa, envolvendo o estudo

dos ciclos de vida dos professores tanto quanto a possibilidade destes professores falarem sobre o que faziam ou o que poderiam ou deveriam fazer, ou seja. Biasoli pretendeu analisar como as dimensões do passado dos professores poderiam influenciar as situações atuais e sua atuação. E conclui: “Assim, o conhecimento do professor tem um caráter biográfico, que é fruto da interação da pessoa e do contexto” (Biasoli, 2009, p.30).

O aspecto inovador de sua pesquisa se relaciona ao fato de pensar o ensino da arte e a atuação docente vinculados à dimensão pessoal dos professores. Avaliar os momentos de suas carreiras como motivadores ou inibidores de ações junto à escola e à comunidade são aspectos que devem ser considerados, tanto quanto a elaboração de um projeto pedagógico na escola e na universidade.

O artista-professor é inevitavelmente um pesquisador, e a pesquisa está vinculada ao modo como se dá sua visão de mundo, o modo como compreende a relação de si com a arte, e a partir desta, a própria produção artística. E não há um movimento linear de maneira que a produção apenas nasça da pesquisa. Na verdade, o movimento é circular, pois a pesquisa dá origem a ideias, que podem ter resultado na obra, e, também, por outro lado, a produção da arte faz com que novos modos de conceber surjam, e novas ideias estarão em jogo. Este é um movimento de vida, porque a pesquisa nada mais é do que fazer brotar novas perguntas, novas metas que nos colocamos, e atrás de cujas respostas não paramos mais de andar.

**Referências**

*Arquivo do Centro de Artes*. UFPEL, Pelotas.

Coleção Marina de Moraes Pires; IN: *Arquivos do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo*, Pelotas.

BARBOSA, Ana Mae (org.) *Arte/educação contemporânea*; consonâncias internacionais. São Paulo, Cortez, 2005.

_____ (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo, Cortez, 2002.

_____ (org.). *Arte-educação*: leitura no subsolo. São Paulo, Cortez, 1997.

BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie. *Prática Pedagógica em Arte: os compromissos do professor que forma professores*. Dissertação de Mestrado. PPGEdu/UFPEL. 1997.

_____. *Docência em Artes Visuais: continuidades e descontinuidades na (re) construção da trajetória profissional*. 2009. 307f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. UFPel, Pelotas.

_____. *A Formação do professor de arte: do ensaio... à encenação* – 3 ed. São Paulo: Papirus, 2007.

BOLÍVAR, Antonio (org.) *Profissão professor: itinerário profissional e a construção da escola*. Bauru, EDUSC, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *A reprodução*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.

_____; PASSERON, Jean Claude. *A reprodução*: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei Darcy Ribeiro – Nº 9.394/1996.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130 p.

*CADERNO DE ANOTAÇÕES* de Myriam Anselmo (nov/1980 a dez./1982) – manuscrito doado para o Centro de Artes em setembro de 2012.

CAVALCANTI, Carlos. *História das artes*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

_____. O predomínio do academismo neoclássico. In: PONTUAL, Roberto.

DINIZ, Carmen Regina Bauer. *Nos Descaminhos do Imaginário: A Tradição Acadêmica nas Artes Plásticas de Pelotas*. 1996. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais)-Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FRANCO, Janice Pires Corrêa. *Memória de Marina*. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.

HARGREAVES, Andy. *Os professores em tempos de mudança*: o trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna. Rio de Janeiro, McGraw-Hill, 1998.

GASTAL, Susana de Araújo**.** *Imagens e Identidade Visual – a sistematização formal e temática da pintura em Porto Alegre (1891-1930).* Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes, UFRGS, 1994.

LEITÃO, Luciana E. "A Ludoteca no Centro de Artes", IN: SILVA, Ursula R. (org.). *Arte na Escola: Diálogos Interdisciplinares*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2011, p.57-62.

MAGALHÃES, Clarice Rego. *A Escola de Belas Artes de Pelotas: da fundação à federalização (1949-1972) – uma contribuição para a história da educação em Pelotas*. Dissertação de Mestrado. Pós Graduação em Educação da UFPel. Pelotas, 2008.

MARTINS, Luísa Rolg. Criatividade em Cores. *Jornal Diário Popular*, Pelotas, 13 ago. 2012, Caderno Zoom, p.1.

PIETA, Marilene B. *A Modernidade da Pintura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sagra/Luzzatto, 1995.

RICOUER, P. *A Memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SILVA, Ursula R. da. *A Fundamentação Estética da Crítica em Arte de Ângelo Guido: a crítica de arte sob o enfoque de uma história das ideias*. Tese de Doutorado, Pós-Graduação em História. PUC/RS, 2002.

SILVA, Ursula R. da; LORETO, Mari-Lúcie. *História da arte em Pelotas: a pintura de 1870 a 1980*. Pelotas: EDUCAT, 1996.

SILVA, U. R. *Nelson Abott de Freitas e a Crítica das Artes Visuais*. Pelotas. EDUFPEL, 2004.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (orgs). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.